

LÍNGUA PORTUGUESA E A LITERATURA INFANTO-JUVENIL NO CONTEXTO PEDAGÓGICO: EXPERIÊNCIA LITERÁRIA E CRIATIVIDADE LINGUÍSTICA

Miriam Barreto de Almeida Passos

Doutora em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio do Sinos, campus São Leopoldo, Rio Grande do Sul (UNISINOS). Mestrado em Ciências da Educação pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, ULHT (2007), revalidado pela UFBA (em 2010). Pós-graduação em Educação, Desenvolvimento e Políticas Educativas pela ULHT (2006). Pós-graduada em Supervisão Escolar pela UEFS (2000). Graduação em Letras (Plena) pela Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS (1984).

RESUMO

O presente projeto tem como finalidade: fortalecer competências no campo dos Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino da Língua Portuguesa e da Literatura Infanto-Juvenil; ampliar os conhecimentos no processo de ação e interação com a língua materna e a literatura infanto-juvenil; desenvolver o interesse pelo gosto da leitura e da literatura; estimular a concentração e a troca social, envolvendo as turmas do curso de Pedagogia do Campus XI, além de acolher demais estudantes interessados em participar das leituras, reflexões e contação de histórias. O projeto se releva pela importância de oportunizar, como afirma Nunes (2017) a reflexão, interação [...] entre a prática e os referenciais teóricos utilizados em sala de aula pelas docentes dos componentes curriculares Fundamentos Teóricos Metodológicos do Ensino de Língua Portuguesa; Literatura Infanto-Juvenil, conduzindo assim à (re) construção de saberes.

Palavras-chave: Língua Portuguesa. Literatura Infanto-Juvenil. Experiência. Criatividade Linguística.

INTRODUÇÃO

O presente artigo visa fortalecer uma das premissas fundamentais das instituições de ensino superior que, caracteriza-se pela operacionalização do tripé: ensino, pesquisa e extensão, buscando aliar os conteúdos dos componentes curriculares FTMELP e LIJ, através de uma ação interdisciplinar que refletiu sobre temas que são potenciais objetos de pesquisa e que, por conseguinte, podem se desdobrar em trabalhos de conclusão de curso, além de instrumentalizar discentes participantes para suas atuações nos estágios supervisionados em vários cenários de educativos no Território de Identidade do Sisal.

Na região sisaleira, a comunidade externa será contemplada tanto pela formação ampliada desses estagiários, assim como pelos futuros profissionais que atuarão em instituições educacionais dessa região. Convém mencionar que, essa ação foi aberta aos interessados em geral, fora dos muros da Universidade, objetivando municiar pedagogicamente discentes da Universidade do Estado da Bahia UNEB – *Campus XI*, bem como a grupos interessados em um maior aproveitamento acadêmico e profissional através de intercâmbios de informações sistematizadas no que tange ao fomento, ao prazer de ler literatura que poderá resultar na formação de profissionais que não apenas leem, mas contam histórias infantis.

Refletir sobre as histórias potencializa o estudo da linguagem na perspectiva de teoria-prática. Pimenta (2006) afirma que, quando refletimos, estudamos a teoria, e praticamos, conhecemos melhor a teoria-prática, pois partimos das leituras, observações, vivências, ação e avaliação do processo, requisitos fundantes em prol da formação do sujeito aprendente e ensinante. Posto que, o conhecimento exige que se instrumentalize o olhar com teorias, estudos, práticas, olhares de “outros” sobre o objeto. Nesse caminho, a teoria é reflexo e parte da realidade material, e, a realidade material urge por práticas em que a *práxis* afetuosa, leitora, dialogal, reflexiva estejam no agir educativo.

Na esteira desse pensamento, afirma Mata (2014, p.51) quem ler para crianças estimula sua percepção sobre as diversas linguagens e que, “[...] paralelamente à língua prática e funcional, utilizada para regular e satisfazer necessidades cotidianas, existe outra que não serve para nada útil e imediato, que é supérflua e que só tem sentido na brincadeira e no afeto”. Assim, a teoria e prática andam de mãos dadas nesse processo.

Processo esse acolhido pelo projeto em tela que salienta a importância da utilização dos equipamentos pedagógicos; tais como: brinquedoteca e biblioteca disponibilizados pela UNEB, para o exercício da formação leitora, afim de instrumentalizar os graduandos na sua atuação como educador nos diversos cenários da Educação Infantil, além de enfatizar a função da leitura como ferramenta de dilatação de conhecimentos imprescindíveis para uma atuação cidadã significativa na vida e em suas práticas de sala de aula.

O projeto de ensino, já mencionado, tem como objetivos fortalecer competências no campo dos Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino da Língua Portuguesa (FTMELP) e da Literatura Infanto-Juvenil (LIJ); ampliar os conhecimentos no processo de ação e interação com a língua materna e a literatura infanto-juvenil; desenvolver o interesse pelo gosto da leitura e da literatura; estimular a concentração e a troca social, envolvendo as turmas do curso de Pedagogia do *Campus XI*, além de acolher demais estudantes interessados em participar das leituras, reflexões e contação de histórias.

Face ao exposto e em consonância com Petrilli (2010, p. 37) entendemos que a contação de histórias infantis para crianças estimula respostas a uma provocação, “[...] aquilo a que responde é ao mundo da vida vivida, a vivência”. Por isso lê-lo e interpretá-lo significa compreender o tipo particular de seu engajamento, de sua resposta, de sua responsabilidade. Assim, as atividades que foram desenvolvidas salientaram a importância de provocar a criatividade imaginativa do público infantil, através da Literatura Infanto-Juvenil, como forma de desafiar os possíveis leitores à ampliação de repertório linguístico, como para o alargamento das experiências estéticas e formativas com a língua materna e sua literatura.

É importante destacar também que, a atividade desenvolvida pela professora convidada reacendeu a importância das histórias contadas às crianças nos séculos passados contextualizando-as de acordo com cada momento histórico e social. A condução dessa atividade estimulou a reflexão sobre os diferentes olhares da sociedade em relação à infância e como a cultura popular se manifestava através das cantigas e brincadeiras de roda. Dessa forma, a professora convidada, de maneira didática, fez um retrospecto histórico sobre as cantigas de ninar datada no século XVII, refletindo a mentalidade desse século sobre a compreensão do lugar da criança na sociedade.

Nessa mesma perspectiva, historicizou sobre a influência do contexto da revolução industrial e suas consequências para a sociedade, sobretudo, para a mulher dessa época que era mãe e dona de casa e que se forjou trabalhadora da indústria para atender uma demanda desse momento. A percepção sobre a infância em relação à baixa e alta idade média em que a criança não era respeitada em relação aos seus desejos, tempo de aprendizagem e que a infância não tinha valor para a sociedade, adquire, a partir do século XVII, com o advento da revolução industrial, uma outra tônica que promove a criança para um lugar que até então não lhe era devido. Assim as cantigas de roda passam a ser um importante recurso de interação com os infantes. O registro de contos infantis que também data dessa época corroboram com o fato de que a criança ascende socialmente e a literatura se redimensiona adequando os textos orais para uma linguagem que estivessem de acordo com a compreensão dos infantes inaugurando, dessa forma, uma outra categoria na literatura denominada por Literatura Infantil.

Essas transformações engendradas pelo contexto social de cada época foram redimensionando as condições de existência para a infância em que as dimensões psíquicas, físicas, emocionais e cognitivas passam a ser prioridade nas teorias e práticas educacionais. Essas mudanças de comportamento da sociedade se dão como em qualquer área, a partir do clamor e anseios da população de cada época, motivados pelos vieses históricos, políticos e sociais. Sendo assim, essas transformações se configuraram como um reflexo de uma trajetória de lutas que perdurou por muitos séculos até a conquista do lugar

que é destinado à criança hoje na sociedade e que passou a ser estudada na sua integralidade adquirindo um valor social, até porque esses sujeitos passam ser um investimento da família para o futuro e, por conseguinte, para a sociedade.

Todas essas informações socializadas pela professora convidada contemplaram os conteúdos constantes nas ementas dos componentes Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino da Língua Portuguesa e da Literatura Infanto-Juvenil, já que tratou sobre a importância do fomento à formação leitora, através da contação de histórias para crianças, como potencializadora dos processos imaginativos, criativos, da criatividade linguística, e desde a primeira infância por parte da família e da escola a importância da formação desses sujeitos para a produção de textos orais e escritos.

Para melhor registrar as ações teóricas e práticas dividimos o texto em cinco seções: INTRODUÇÃO; PROCEDIMENTOS E FORMAÇÃO DA IDEIA INTERDISCIPLINAR; AÇÃO DO PROJETO COM A NARRADORA CONVIDADA e as CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Por fim, não tivemos a pretensão com esse projeto de esgotar o tema: contação de história e a língua portuguesa, mas acreditamos que ações dessa natureza despertam os sentidos e abrem caminhos para articular formas efetivas de ensino-aprendizagem em que a oralidade, a leitura e escrita, a contação façam partes da tríade que sustenta a universidade, ou seja, o ensino, a pesquisa e a extensão.

PROCEDIMENTOS E FORMAÇÃO DA IDEIA INTERDISCIPLINAR

Consideramos a ação do projeto de ensino como uma pesquisa qualitativa, pois utilizamos dos aportes teóricos, pensamos no desenvolvimento da ação, escrevemos o projeto, inserimos no Sistema de Planejamento e Gestão Universitária da Universidade do Estado da Bahia (SPGU), organizamos a ficha de inscrição, no *google forms*, para a

participação dos estudantes e demais interessados no evento, elaboramos o card, divulgamos pelas redes sociais e entre os estudantes, preparamos o espaço e realizamos convite à professora contadora de histórias para partilhar conosco o seu trabalho e pesquisa no campo da contação.

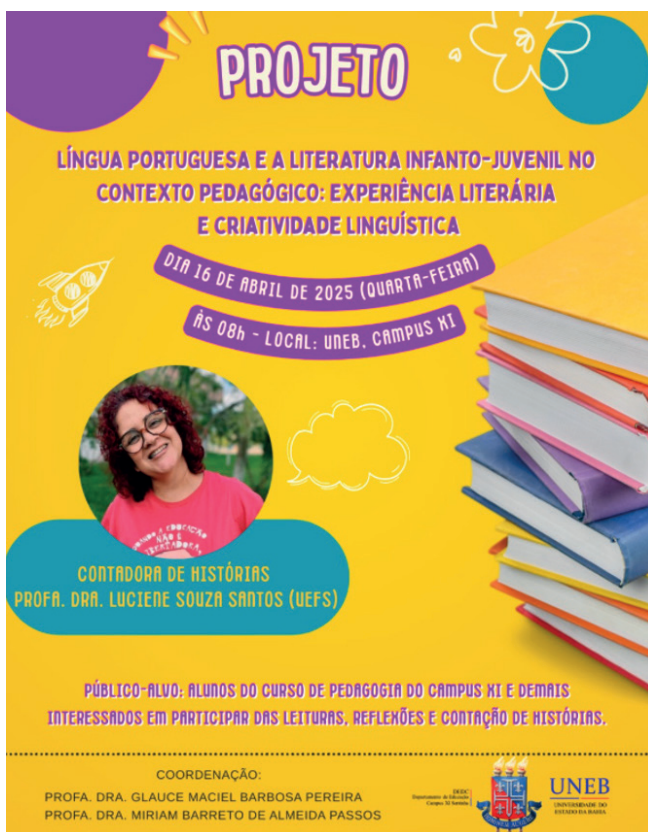
Também, para colaborar conosco na compreensão sobre a pesquisa qualitativa, Pedro Demo (1998, p. 92) descreve “a intenção própria da pesquisa qualitativa é [...] envolver o ser humano.”

Nesse envolvimento humano, o procedimento metodológico teve como alvo desenvolver as capacidades de observação, leitura, contação de histórias, para posterior produção e ações discentes-docentes, criando assim, a partir e com a ação do projeto, outros momentos para além da sala de aula, aprendizagem divertida, estimulante, melhorando significativamente a qualidade do ensino-aprendizagem.

Os recursos pedagógicos utilizados na ação foram leituras, reflexões, narração com efeitos sonoros e música.

Abaixo inserimos o card e a ficha de inscrição para participação do projeto em questão.

Fonte: Google forms, 2025.



Fonte: Card produzido por Ingrid B. de A. Passos, 2025.

A AÇÃO DO PROJETO COM A NARRADORA CONVIDADA

As primeiras palavras da contadora de histórias, professora doutora Luciene Souza Santos, convidada especialmente para abertura do projeto de ensino, foi sua apresentação pessoal. Ela esteve conosco dia 16 de abril de 2025, apresentou a sua ancestralidade e o seu encontro com a arte de narrar. Deixou evidente que o doutorado e as suas experiências extensionistas no departamento de Educação 925 – *Formação de Contadores de História: Conta Comigo* teve e tem realizado um trabalho de valor em torno da linguagem falada, ouvida e escrita. Sua afirmativa sobre a acuidade da linguagem e

histórias foi que a importância da narrar deve primar pela contação na aldeia, pois em aldeia o desafio para a infância torna-se evidente, afirma Luciene.

A seriedade de contar história para educar, para acolher, para acalantar, para simplesmente brincar com a palavra, passa dos avós aos pais e, os sonhos, as fantasias colaboram na leitura do mundo, colaboram na leitura da palavra. Como afirma Paulo Freire (1982, p. 9): “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”.

Ao pensar na frase de Freire sobre a “leitura de mundo” percebemos que a experiência, a percepção do real é evidente na vida do indivíduo e ganha amplitude nas narrativas que passam de geração a geração através da escrita, da leitura e oralidade.

No que tange aos gêneros da tradição oral foram devidamente trabalhados na ação do projeto em questão. Luciene nos apresentou: o acalanto, o binco, a parlenda, o lenga-lenga, o trava-língua, a cantiga de roda, o tangelomango, contou, cantou e encantou a todos.

Algumas narrativas apresentadas por Luciene:

ACALANTO

XÔ, XÔ, PAVÃO

SAI DE CIMA DO TELHADO

DEIXA O MEU MENINO

DORMIR SONO SOSSEGADO

ESSE MENINO NÃO É MEU

ME DERAM PARA CRIAR

O CONSOLO DE QUEM AMA

É PODER ACALENTAR

(JOSÉ MAURO BRANT)

BOI DACARA PRETA
BOI, BOI, BOI
BOI DA CARA PRETA
PEGA ESSA MENINA
QUE TEM MEDO DE CARETA

BOI, BOI, BOI
BOI DO PIAUÍ
PEGA ESSE MENINO
QUE TEM MEDO DE DORMI

BOI, BOI, BOI
BOI DO OLHO CASTANHO
PEGA ESSE MENINO
QUE DORMIU SEM TOMAR BANHO

BOI, BOI, BOI
BOI CARA MEDONHA
PEGA ESSA MENINA
QUE DORMIU E BABOU NA FRONTA

DORME MENINA
DORME MENINA
QUE EU TENHO O QUE FAZER
LAVAR E ENGOMAR
A ROUPINHA PRA VOCÊ
(BIA BEDRAN)

ARANHA TATANHA
ARANHA TATANHA
ARANHA TATINHA
QUEM É QUE NÃO MORA
NA SUA CASINHA

TUTU MARAMBÁ
TUTU MARAMBÁ
NÃO VENHA MAIS CÁ
QUE O PAI DO MENINO
TE MANDA MATAR

Exemplo do Brinco: **MACACO PISA O MILHO**

Macaco pisa o milho (plô, plô, plô)
No pilão da sapucaia (plô, plô, plô)
Ele pisa e ele cessa (plô, plô, plô)
Na barra da sua saia (plô, plô, plô)

LENGA-LENGA

HORMIGUITA

Tenho, uma formiga na barriga
Que fica fazendo cosquinhas
E não me deixa dormir...

PARLENDIA

HOJE É DOMINGO

HOJE É DOMINGO PEDE CACHIMBO
CACHIMBO É DE BARRO QUE BATE NO JARRO
O JARRO É FINO QUE BATE NO SINO
O SINO É DE OURO QUE BATE NO TOURO
O TOURO É VALENTE QUE BATE NA GENTE
A GENTE É FRACO QUE CAI NO BURACO
O BURACO É FUNDO E ACABOU-SE O MUNDO!

TRAVA-LÍNGUA

COCO DO TRAVA-LÍNGUA

O peito de Pedro é preto. Preto é o peito de Pedro
Quem a paca cara compra, cara paca pagará
Se a aranha arranha a jarra ou se a jarra arranha a aranha
A mulher do tatu “tando” é o mesmo que o tatu tá

Olha o sapo dentro do saco. Olha o saco com sapo dentro
Luzia lustrava o lustre listrado. O lustre listrado Luzia a lustrar
Farofa feita com farinha fofa fofou o fato da foca Fofinha
A naja egípcia gigante age girando e reage hoje já

UNI DUNI TÊ



O livro UNI DUNI TÊ de Angela Lago foi trabalhado na integrada pela professora Luciene, encantando todos os participantes com suas cantigas e contação da história oral.

Vale ressaltar que, os gêneros textuais da tradição oral para a contação de histórias dividem-se em histórias de acumulação, história de repetição, causos, conto popular, história contada e fábula. Cada um desses gêneros, cada uma dessas histórias incorporadas ao sonho de uma criança traduz em esperança e força nos momentos difíceis da vida e, certamente, enriquece até a velhice, quando as lembranças da meninice se tornam muito presentes. Assim, a fantasia e a magia de uma história não só encantam e despertam a imaginação criadora, como também é responsável pelos inventores e criadores do gênero.

Segundo Clarissa Pinkólas Estés (1998), Histórias que instruem, renovam e curam proporcionam a alimentação vital para a psique, que não pode ser obtida de nenhuma outra maneira. Histórias revelam, repetidamente, a aptidão peculiar e preciosa que os seres humanos tem para obter êxito nas tarefas mais árduas.

Elas fornecem todas as instruções essenciais de que precisamos para ter uma vida útil, necessária e irrestrita, uma vida significativa, uma vida que vale a pena ser lembrada.

O Contador de Histórias, seu trabalho de formação de um contador de histórias obedece a um certo ritual: do autoconhecimento; da observação do outro; de abrir o imaginário com a chave que cada um escolher. Nesse sentido, o “exercício de contar uma história como se conta um fato da vida pessoal, com envolvimento, emoção, naturalidade, credibilidade” (Sisto, 2012, p. 34) constitui fator essencial.

Também, a história precisa em determinada situação ser humanizada, pois em tempo de desumanização, precisamos refletir sobre essa função da narrativa, projetada pela afetividade da voz e pela presença do (a) narrador (a). além disso, o contador de histórias deve ter consciência de que o importante é a história. Ele apenas conta o que aconteceu, emprestando, com a voz, vivacidade à narrativa, cuidando de escolher bem o texto e recriá-lo na linguagem própria, sem as limitações que a escrita impõe. A história aquieta, asserena, prende a atenção, informa, socializa, educa. Quanto menor for a intenção de alcançar tais objetivos, maior sua influência. A história é alimento da imaginação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajudando a resolver conflitos, acenando com a esperança.

Uma história contada com todos os requisitos, além de proporcionar atividade sadia, desenvolve a imaginação, enriquece o vocabulário e dá ao narrador oportunidade de observar comportamentos, descobrindo inquietações e angústias, e, assim, dando chance de melhor orientar os ouvintes.

Para Betty Coelho (1999), a força da história é tamanha, que narrador e ouvintes caminham juntos na trilha do enredo e ocorre uma vibração recíproca de sensibilidade, a ponto de diluir-se o ambiente real ante a magia da palavra, que comove e eleva, enquanto a ação se desenvolve e participamos dela, sem que ocorra alienação, num processo essencialmente recreativo.

Por fim, no FINÁ DE ATO do Catulo da Paixão Cearense, a professora Luciene nos apresentou SAUDADE DA BOA (de Aciolly Neto):

Ai, ai, meu coração
Passa dia, mês e ano
Não consigo te esquecer
Ai, ai, meu coração
Ainda bate apaixonado
Com saudade de você.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que o projeto de ensino contemplou a observação, a leitura das narrativas orais, o envolvimento de todos os presentes, questionamentos dos estudantes em torno das atividades propostas e desenvolvidas, bem como encantou os participantes presentes na ação.

O trabalho pensado, divulgado e apresentado no auditório do *Campus XI* da Universidade do Estado da Bahia fortaleceu competências no campo dos Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino da Língua Portuguesa e da Literatura Infanto-Juvenil; ampliou de forma lúdica os conhecimentos no processo de ação e interação com a língua materna, a literatura infanto-juvenil, como também acolheu demais estudantes interessados em participar das leituras, reflexões e contação de histórias.

A professora convidada reacendeu a importância das histórias contadas às crianças nos séculos passados contextualizando-as de acordo

com momento histórico e social. Fez uma referência ao olhar da humanidade diante da criança, realizando um retrospecto histórico que data do século XVII, salientando que as cantigas de ninar dessa época estão em concordância com a mentalidade desse século sobre a nossa compreensão do lugar da criança na sociedade. Também, ela reforçou a influência do contexto da revolução industrial e suas consequências para a sociedade sobretudo o da mulher, mãe e dona de casa que se forjou trabalhadora da indústria.

Também, as mudanças vão sendo aprimoradas ao longo dos séculos. E, nessa linha do tempo tornou-se imprescindível destacar o período da Idade média, época em que a criança em relação aos seus desejos, tempo de aprendizagem não era respeitada, não tinha valor para a sociedade. Contudo, essas transformações engendradas pelo contexto social de cada época foram forjando um *status quo* para a infância em que as dimensões psíquicas, físicas, emocionais e cognitivas passaram a ser prioridade na Educação. Essas mudanças de comportamento da sociedade se dão como em qualquer área, a partir do clamor e anseios da população da época, tendo vieses histórico, político e social. Essas transformações são o reflexo de uma trajetória de lutas que perdurou por muitos séculos até alcançarmos o lugar que é destinado à criança hoje na sociedade.

Assim sendo, concluímos que o projeto se relevou de forma valiosa, pois oportunizou a fantasia, intercâmbio entre a prática e os referenciais teóricos utilizados pela contadora de histórias, acarretando do mesmo modo à (re) construção de saberes.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.
- COELHO, Betty. *Contar histórias - Uma arte sem idade*. São Paulo: Ática, 1999.
- DEMO, P. Pesquisa qualitativa. Busca de equilíbrio entre forma e conteúdo. *Rev.latino-am.enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 89-104, abril 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/wSwfj7n6VCZJ4gShkMCFF9f/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 de abril de 2025.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. *O dom da história: uma fábula sobre o que é suficiente*. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- FORTUNA, T. R. Sala de aula é lugar de brincar? In: XAVIER, M. L.; DALLA ZEN, M. I. (orgs.). *Planejamento em destaque: análises menos convencionais*. Porto Alegre: Mediação, 2000. p. 147-164.
- MATA, Juan. O direito das crianças de sonhar. In: GOBBI, Marcia Aparecida; PINAZZA, Monica Appezzato. *Infância e suas linguagens* São Paulo: Cortez, 2014.
- NEGRINE, A. Ludicidade como ciência. In: SANTOS, S. M. P. dos (org.). *A ludicidade como ciência*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- NUNES, Leila Regina d'Oliveira de Paula; SCHIRMER, Carolina Rizzotto. *Salas abertas: formação de professores e práticas pedagógicas em comunicação alternativa e ampliada nas salas de recurso multifuncionais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2017.
- PETRILLI, Susan. Uma leitura inclassificável de uma escritura inclassificável: a abordagem bakhtiniana da literatura. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010.
- SISTO, Celso. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. Belo Horizonte: Aletria, 2012.
- PIMENTA, Selma Garrido. Professor Reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido (org.). *Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. São Paulo: Cortez, 2006.
- VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 9. ed. São Paulo: Global, 2006.